

A grayscale background image showing a dense crowd of people, possibly in a public square or a large gathering. The image is slightly blurred, emphasizing the overall atmosphere of a large group. The word "BRUTALISMO" is overlaid in white, bold, uppercase letters in the upper right quadrant.

BRUTALISMO

BRUTALISMO

Achille Mbembe

tradução Sebastião Nascimento

M-1
edições

Aos meus três países, e em partes iguais

10 **Preâmbulo**

22 **Introdução**

A combustão do mundo
O *pharmakon* da terra

Capítulo 1

37 **A dominação universal**

A cadeia de gestos
Punções
Distúrbios da identidade

Capítulo 2

65 **Fraturação**

O corpo da Terra
Escalada
Fronteirização
Clausura e expurgo

Capítulo 3

87 **Animismo e visceralidade**

A vida demoníaca
A zona obscura
Misérias do nosso tempo
Anti-identidade

Capítulo 4

113 **Virilismo**

Abalo dos sentidos
O *phallos*
Sociedades onanistas e pulsão ejaculatória
Pânico genital

Capítulo 5

143 **Corpos-fronteiras**

Pessoas “em demasia”
Matemáticas populacionais
Neomalthusianismo

Capítulo 6

165 **Circulações**

A humanidade enjaulada
Sedentarização a fórceps
Encravamento
Contração do mundo

Capítulo 7

187 **A comunidade dos cativos**

Desejo de se iludir
Partir
Saliências
Metafísicas do “lugar de onde se vem”
O movimento imóvel

Capítulo 8

217 **Humanidade potencial e política do vivente**

Paganismo e idolatria
Diferença e apocalipse
Grilhão de dívidas
Perda de mundo
A capacidade de verdade

250 **Conclusão**



PREÂMBULO

Tomo o conceito de brutalismo de empréstimo ao pensamento arquitetônico.¹ Em minha mente, porém, trata-se de uma categoria eminentemente política. Como poderia ser de outra forma, se existe uma dimensão da própria arquitetura que é, desde o início, política – a política de materiais que, inertes ou não, são por vezes considerados indestrutíveis? Por outro lado, o que é o político senão uma apreensão de elementos de toda ordem aos quais se tenta dar forma, se necessário pela força, um exercício de torção e remodelação por excelência?

Além disso, a arquitetura é uma forma de política na medida em que inevitavelmente desencadeia uma tensão – ou, se assim preferirem, uma distribuição do fator força entre atos de demolição e de construção –, muitas vezes com base no que se poderia chamar de blocos elementares. A política é, por sua vez, uma prática instrumental, um trabalho de montagem, organização, modelagem e redistribuição, inclusive espacialmente, de conjuntos

1. A respeito do movimento brutalista, ler especialmente Reyner Banham, *The New Brutalism: Ethic or Aesthetic?* London: Architectural Press: 1966. Ver também Alexander Clement, *Brutalism: Post-War British Architecture*. Ramsbury: Crowood Press, 2011. No que se refere ao resgate do conceito no campo da música e em particular na música eletroacústica, ver Mo H. Zareei, Dugal McKinnon, Dale A. Carnegie & Ajay Kapur, “Sound-based Brutalism: An Emergent Aesthetic”, *Style and Genre in Electroacoustic Music* 21 (Special Issue 1), 2006: 51-60.

corpóreos vivos, mas essencialmente imateriais. E é no ponto em que a imaterialidade, a corporeidade e os materiais se encontram que se deve situar o brutalismo.²

Situadas ambas no ponto de articulação entre os materiais, a corporeidade e o imaterial, a arquitetura e a política não pertencem apenas ao mundo dos símbolos e da linguagem. Elas também são constitutivas do mundo técnico, do mundo dos objetos e corpos e, sobretudo, dos recortes, do que precisa ser aparado, atenuado e moldado, forjado e erguido, em suma, verticalizado e, com isso, recolocado em movimento. Seu ponto de intervenção é a zona material como região da matéria viva, cruzamento incandescente de múltiplas intensidades do qual o bruto, sob a figura do fogo, do concreto, do chumbo ou do aço, é o manancial, que já de saída dispensa as velhas oposições entre o mundo do espírito e da alma, de um lado, e o mundo dos objetos, do outro. É esse elemento bruto que é submetido aos processos metamórficos de estampagem e trituração, de pilhagem, de incisão, de dissecação e, se necessário, de mutilação.

Arquitetura e política são, portanto, uma questão de disposição adequada de materiais e corpos, uma questão de quantidades, volumes, escalas e medidas, de distribuição e modulação da força e da energia. Alçar o vertical a posição privilegiada é um dos traços concretos do brutalismo, quer se aplique a corpos ou a materiais. Mas ambas são acima de tudo uma questão de trabalho com, contra, sobre, por cima e através de elementos.

2. “Corporeidade”, neste caso, não se refere apenas ao que há de maciço no corpo e em tudo o que objetivamente o compõe (a pele e suas cores, os órgãos tomados individualmente, os ossos que lhe conferem a estrutura, o sangue que circula nas veias, os nervos, o sistema piloso que o recobre como a vegetação, os micróbios que povoam a sua fauna, a água sem a qual ele sucumbiria à aridez etc.). A corporeidade também se refere ao modo como o corpo é objeto de percepção, ou seja, como é criado e recriado pelo olhar, pela sociedade, pela tecnologia, pela economia ou pelo poder; o modo como se posiciona em relação a tudo o que o cerca ou que se move e cria um mundo ao seu redor.

Neste ensaio, invoco a noção de brutalismo para descrever uma época dominada pelo *páthos* da demolição e da produção, numa escala planetária, de reservas de obscuridade. E de dejetos de todo tipo, restos, resquícios de uma gigantesca demiurgia. Não trataremos de fazer a sociologia ou a economia política da brutalização, muito menos de traçar-lhe um quadro histórico. Tampouco abordaremos a violência em geral ou as formas de crueldade e sadismo geradas pela tirania. Tomando como ponto de partida a extraordinária riqueza de material socioetnográfico atualmente disponível (que é referido amplamente nas notas), o objetivo é realizar *cortes* que nos permitam desenhar um *afresco*, fazer as perguntas de maneira diferente e, acima de tudo, dizer uma palavra sobre o que define esta época, à qual muitos nomes foram agregados e que é dominada por três questões centrais: o cálculo em sua forma computacional, a economia em sua forma neurobiológica e a matéria viva à mercê de um processo de carbonização.³

No centro dessas três indagações está a questão da transformação dos corpos humanos e, de maneira geral, do futuro das “populações” e da mutação tecnológica das espécies, humanas ou não. Mas as lesões e feridas causadas por esses deslocamentos não são acidentes ou meros danos colaterais. Se de fato a humanidade se tornou uma força geológica, então não se pode mais falar de história como tal. Toda história agora é, por definição, geo-história, inclusive a história do poder. Por brutalismo, refiro-me ao processo pelo qual o poder como força geomórfica

3. Para a vertente euro-americana desses debates, ler William E. Scheuerman, “Hermann Heller and the European Crisis: Authoritarian Liberalism Redux?”, *European Law Journal* 21 (3), 2015; Michael A. Wilkinson, “Authoritarian Liberalism in the European Constitutional Imagination: Second Time as Farce?”, *European Law Journal* 21 (3), 2015; Wendy Brown, “Sacrificial Citizenship: Neoliberalism, Human Capital, and Austerity Politics”, *Constellations* 23 (1), 2016; Paul Stubbs e Noemi Lendvai-Bainton, “Authoritarian Neoliberalism, Radical Conservatism and Social Policy within the European Union: Croatia, Hungary and Poland”, *Development and Change*, 10 de . 2019: <<https://doi.org/10.1111/dech.12565>>.

agora se constitui, se expressa, se reconfigura, atua e se reproduz por *fraturamento* e *fissuração*. Também tenho em mente a dimensão molecular e química desses processos. A toxicidade, isto é, a multiplicação de substâncias químicas e resíduos perigosos, não constitui afinal uma dimensão estrutural do presente? Essas substâncias e resíduos (incluindo resíduos eletrônicos) não só atingem a natureza e o meio ambiente (ar, solo, água, cadeias alimentares), mas também os corpos assim expostos ao chumbo, ao fósforo, ao mercúrio, ao berílio e aos agentes de refrigeração.

Por meio das técnicas políticas de fraturamento e fissuração, o poder recria não apenas o humano, mas também outras espécies, efetivamente. O material que ele tenta (re)moldar ou transformar em novas espécies é tratado de maneira similar à que se utiliza quando se lida com rochas e xistos a serem dinamitados para extrair gás e energia. Vista sob essa luz, a função dos poderes contemporâneos é, portanto, mais do que nunca, possibilitar a extração,⁴ o que exige uma intensificação da repressão. Disso faz parte a perfuração de corpos e mentes. Tendo o estado de exceção se tornado a norma, e o estado de emergência, permanente, trata-se de fazer pleno uso da lei com o intuito de multiplicar os estados de não direito e de dismantelar todas as formas de resistência.

Às lógicas de fraturamento e fissuração convém acrescentar também as do esgotamento e da depleção. Uma vez mais, fraturamento, fissuração e depleção não se referem apenas aos recursos, mas também aos corpos vivos expostos ao esgotamento físico e aos mais variados tipos de riscos biológicos, não raro invisíveis (intoxicações agudas, cânceres, anomalias congênitas, distúrbios neurológicos, alterações hormonais). Reduzida a uma fina camada e a uma superfície, é a totalidade da matéria viva que está sujeita a ameaças sísmicas. A dialética da demolição e da “criação

4. Claudia Aradau e Martina Tazzioli, “Biopolitics Multiple: Migration, Extraction, Subtraction”, *Millennium*, 19 de . 2019: <<https://doi.org/10.1177/0305829819889139>>.

destrutiva”, na medida em que tem por alvo os corpos, os nervos, o sangue e o cérebro dos humanos, assim como as entranhas do tempo e da Terra, está no cerne dos reflexos que se seguem.⁵ Brutalismo é o nome dado a esse gigantesco processo de despejo e evacuação, mas também de descarga dos recipientes e de esvaziamento das substâncias orgânicas.⁶

Por intermédio desse nome, tentamos delinear o que se poderia chamar de uma *imagem-pensamento*. Procuramos pintar os contornos de um *cenário matricial* ou, pelo menos, de um fundo do qual se desprende uma miríade de situações, de histórias, de atores. Quaisquer que sejam essas diferenças e a despeito das identidades particulares, fraturamento e fissuração, esvaziamento e depleção obedecem, no entanto, a um mesmo código mestre: a universalização da condição negra, o devir-negro de uma enorme parcela de uma humanidade atualmente confrontada com perdas excessivas e com uma profunda síndrome de esgotamento das suas capacidades orgânicas.⁷

Essa questão das reservas de obscuridade e, conseqüentemente, das figuras do tempo e das figuras do poder tem me assombrado desde pelo menos o último quartel do século xx.⁸ Em minha reflexão, ela sempre andou de mãos dadas com o questionamento a respeito daquilo que nos tornamos, daquilo que poderíamos ter realizado e que poderíamos ter sido, a África, o planeta, a humani-

5. Para outras abordagens, ver Martijn Konings, *Capital and Time: For a New Critique of Neoliberal Reason*. Stanford: Stanford University Press: 2018; Adriano Cozzolino, “Reconfiguring the State: Executive Powers, Emergency Legislation and Neoliberalization in Italy”, *Globalizations* 16 (3), 2019: 336-352.

6. Susanne Soederberg, “Evictions: A Global Capitalist Phenomenon”, *Development & Change*, 2 de . 2018: <<https://doi.org/10.1111/dech.12383>>.

7. Achille Mbembe, *Crítica da Razão Negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2017.

8. Ach, *De la postcolonie. Essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine*. Paris: Karthala, 2000; reeditado por Paris: La Découverte, 2020.

dade e, de modo mais geral, os seres vivos.⁹ Longe de nos abriremos para a melancolia, a questão era lançarmos as bases para uma crítica das relações entre memória, potencialidade e “futuridade”.

Era uma questão de compreender por que tudo o que circula, tudo o que passa, a começar pelo tempo que corre, continuava sendo questão primordial para todo e qualquer poder. Todo poder almeja efetivamente, se não se tornar o próprio tempo, ao menos anexar e colonizar suas propriedades intrínsecas. Em sua abstração, não é traço ínsito ao tempo ser inesgotável, objetivamente incalculável e, acima de tudo o mais, inapropriável? Além de tudo, ele é indestrutível. E talvez seja essa última propriedade, a indestrutibilidade, que fascine o poder em última instância. É por isso que, em sua essência, todo poder aspira a fazer-se tempo ou, pelo menos, a ingerir suas qualidades. Ao mesmo tempo, o poder é de ponta a ponta uma técnica de instrumentação e de construção. Ele precisa de cal, concreto, cimento, argamassa, vigas, brita, chumbo, aço – e corpos feitos de osso, carne, sangue, músculos e nervos. Demolir é, de fato, uma tarefa gigantesca.

As práticas de demolição, quebra, apedrejamento, pilhagem e esmagamento estão no cerne do brutalismo em sua acepção política. Elas não são o exato equivalente da devoração, da autofagia ou do canibalismo (independente da definição que se dê a esses termos) que se tinha o costume de identificar com as sociedades antigas ou primitivas.¹⁰ Impelidas tanto por máquinas antigas quanto pelas mais avançadas tecnologias computacionais, elas são profundamente futuristas e terão um impacto singular sobre

9. Ibid.

10. Ver Anselm Jappe, *La Société autophage. Capitalisme, démesure et autodestruction*. Paris: La Découverte, 2017. Para uma interpretação catabólica dessas práticas, ler Joseph Tonda, *Le Souverain moderne. Le corps du pouvoir en Afrique centrale, Congo et Gabon*. Paris: Karthala, 2005, e também *L'Impérialisme postcolonial. Critique de la société des éblouissements*. Paris: Karthala, 2015.

o futuro da Terra. Elas têm uma dimensão a um só tempo geológica, molecular e neurológica.

Percebi isso somente no momento de escrever este livro: parte de minhas reflexões desde o último quartel do século xx versava sobre a prática e a experiência do poder enquanto exercício de demolição dos seres, das coisas, dos sonhos e da vida no contexto africano moderno. Ficara impressionado com a quantidade de energia dedicada, especialmente na base da escala social, aos intermináveis atos de remendagem, quando não de reparação, daquilo que havia sido quebrado, despedaçado ou simplesmente engolido pela ferrugem, deixado em um estado de prolongado abandono.

Demorei a perceber que muitas das práticas de demolição não eram produto do acaso. Em muitos casos, estávamos diante de formas de regulação da vida que funcionavam com base na multiplicação de situações aparentemente intoleráveis, por vezes absurdas e inextricáveis, não raro insuportáveis. Isso porque esses contextos eram regidos pela lei da impossibilidade e da demolição.¹¹ O que de início me pareceu um traço específico do que eu havia chamado de pós-colônia começou a perder sua singularidade, à medida que meu trabalho passava por múltiplas reapropriações nos mais diversos contextos. Percebi que se tratava de uma trama cuja escala era muito maior que o continente africano. A bem da verdade, este nada mais era além de um laboratório de mutações de alcance global.¹² Desde então, é com a reflexão sobre essa inflexão

11. Ler sucille Mbembe, “Désordres, résistances et productivité”, *Politique africaine* 42, 1991: 2-8; “Pouvoir, violence et accumulation”, *Politique africaine* 39, 1990: 7-34; “Prosaics of Servitude and Authoritarian Civilities”, *Public Culture* 5 (1), 1992; “Du gouvernement privé indirect”, *Politique africaine* 73, 1999: 103-121; “Necropolitics”, *Public Culture* 15 (1), 2003: 11-40 [*Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1, 2018]; “Essai sur le politique en tant que forme de la dépense”, *Cahiers d'études africaines* 173-174, 2004: 151-192.

12. Achille Mbembe, *Crítica da Razão Negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2017; *Políticas da inimizade*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2020].

global do condão africano e sobre seu correlato, o devir-africano do mundo, que, conjuntamente com outros, venho trabalhando.¹³

O momento, de fato, é de forja e martelo, de brasa e bigorna, e o ferreiro talvez seja o derradeiro avatar dos grandes sujeitos históricos. Um vasto empreendimento de ocupação territorial, de domínio sobre os corpos e os imaginários, de desmontagem, dissociação e demolição está em curso.¹⁴ Ele conduz, praticamente em toda parte, a “estados de emergência” ou “estados de exceção”, que logo se estendem e se tornam permanentes.¹⁵ As modalidades contemporâneas de demolição se cristalizam, enquanto as clássicas dicotomias forma/matéria, matéria/material, material/imaterial, natural/artificial e fim/meio são profundamente questionadas. A lógica das oposições foi substituída pela das permutações, convergências e conversões múltiplas. Não há mais nenhuma matéria intrinsecamente disponível e dócil. Ela existe apenas coconstituída a partir de uma heterogeneidade de matrizes e conexões.

Está em curso uma inegável mudança de época, mas também de condição, engendrada pelas transformações da biosfera e da tecnosfera. Esse processo, que tem desencadeado tremores sem precedentes, é global. Seu objetivo é precipitar a mutação da espécie humana e acelerar-lhe a passagem para uma nova condição, ao mesmo tempo plástica e sintética e, conseqüentemente, maleável e extensível. Para organizar a passagem para uma nova dispensação terrestre (um novo *nomos* da Terra), é realmente ne-

13. Felwine Sarr, *Habiter le monde. Essai de politique relationnelle*. Montréal: Mémoire d'émigré, 2018; Achille Mbembe e Felwine Sarr (eds.), *Politique des Temps*. Paris: Philippe Rey/Jimsaan, 2019.

14. Ler Adi Ophir, Michal Givoni e Sari Hanafi, *The Power of Inclusive Exclusion: Anatomy of Israeli Rule in the Occupied Palestinian Territories*. New York: Zone Books, 2009; John Reynolds, “Repressive Inclusion”, *Journal of Legal Pluralism and Unofficial Law* 49 (3), 2017: 268-293.

15. Haley Duschinski Dushrimoyee Nandini Ghosh, “Constituting the Occupation: Preventive Detention and Permanent Emergency in Kashmir”, *Journal of Legal Pluralism and Unofficial Law* 49 (3), 2017: 314-337.

cessário, se não abolir a sociedade, ao menos esculpi-la e, eventualmente, substituí-la por um nanomundo, o dos dispositivos celulares, neuronais e computacionais. Mundo de tecidos plásticos e de sangue sintético, ele será povoado por corpos e entidades meio naturais e meio artificiais.¹⁶ É preciso, num gesto final de hibridização da matéria e do espírito, repatriar o humano de volta ao ponto de junção do material, do imaterial e do incorpóreo, apagando de uma vez por todas os resquícios de barro inscritos na testa e na face da humanidade desde que a Terra a acolheu em sua superfície e em suas entranhas.

A transformação da humanidade em matéria e energia é o projeto final do brutalismo. Neste ensaio, a atenção incide singularmente sobre a monumentalidade e o gigantismo desse projeto. É um vasto empreendimento, pois não é apenas a arquitetura do mundo que terá de ser remodelada, mas o tecido da própria vida e suas diversas membranas. Como se verá, as reflexões contidas neste ensaio não são outra coisa senão um longo argumento a favor de uma nova consciência planetária e da refundação de uma comunidade de seres humanos em solidariedade com todos os seres vivos. O pertencimento a um terreno comum, tangível, palpável e visível não ocorrerá, porém, sem luta. Como pressentiu Frantz Fanon, porém, a autêntica luta é em sua primazia uma questão de reparação, a começar pela reparação daquilo que se quebrou.

* * *

16. Julie Kent e Darian Meacham, “Synthetic blood’: Entangling Politics and Biology”, *Body & Society*, 14 de . 2019, <<https://doi.org/10.1177/1357034X18822076>>.

Se esse argumento em favor de uma nova política da reparação tem algum mérito que seja, devo-o à solicitude de incontáveis amigas, amigos e instituições, a começar pelo Witwatersrand Institute for Social and Economic Research (WISER) em Joanesburgo, onde tenho desfrutado, desde 2001, de extraordinária liberdade e de condições de trabalho incomparáveis. Expresso minha gratidão à diretora do Instituto, a professora Sarah Nuttall, e aos meus colegas Keith Breckenridge, Isabel Hoffmeyr, Sherine Hassim, Pamila Gupta, Jonathan Klaaren, Hlonipha Mokoena, Richard Rottenburg, Adila Deshmukh e Najibha Deshmukh.

As Ateliers de la pensée [Oficinas do Pensamento] de Dakar têm sido um verdadeiro laboratório, local de um contínuo diálogo com Felwine Sarr, Elsa Dorlin, Nadia Yala Kisukidi, Françoise Vergès, Abdurahmane Seck e Bado Ndoye. Fui agraciado com a hospitalidade de muitas instituições e de muitos círculos estrangeiros. Foi esse o caso, em especial, do Jakob-Fugger Zentrum da Universidade de Augsburg (Alemanha), da cátedra Albertus Magnus da Universidade de Colônia, do Institut d'analyse du changement dans l'histoire et les sociétés contemporaines [Instituto de Análise da Mudança na História e nas Sociedades Contemporâneas] da Universidade Católica de Louvain (Bélgica), da Litteraturhuset, em Oslo (Noruega), do Franklin Humanities Institute da Duke University (Estados Unidos), do Whitney Humanities Center da Yale University (Estados Unidos), da Gerda Henkel Stiftung, em Düsseldorf, e do Ernst Bloch-Zentrum, em Mannheim (Alemanha), do Thalia Theater, em Hamburgo, do Düsseldorfer Schauspielhaus, da Maison du Banquet et des générations, em Lagrasse, do laboratório LLCP (Les logiques contemporaines de la philosophie [As lógicas contemporâneas da filosofia]) e do UMR LEGS (Laboratoire en études de genre et de sexualité [Laboratório em Estudos de Gênero e Sexualidade]) da

Universidade de Paris 8-Vincennes, em Saint-Denis, e do Forum Philo Le Monde Le Mans, da Universidade de Le Mans (França).

Como no passado, pude contar com a amizade fiel e o apoio inabalável de David Goldberg, Paul Gilroy, Jean e John Comaroff, Charlie Piot, Ian Baucom e Éric Fassin. A editora La Découverte, Stéphanie Chevrier, Pascale Iltis, Delphine Ribouchon e Bruno Auerbach me proporcionaram um grande incentivo.

Fragmentos de capítulos foram publicados sob diversos formatos em *Le Débat*, *Esprit*, *Le Monde* e *AOC*.



INTRO- DUÇÃO

Podemos agir como se a aceleração tecnológica e a transição para uma civilização computacional representassem o novo caminho para a salvação.¹ Tudo acontece como se, na verdade, a curta história da humanidade na Terra já estivesse esgotada. O próprio tempo teria perdido toda a potencialidade. Com o sistema da natureza ora descontrolado, restaria apenas contemplar o fim do mundo. Por conseguinte, a tarefa do pensamento consistiria apenas em prenunciá-lo, daí o atual aumento do poder dos mais variados tipos de narrativa escatológica e do discurso da colapsologia.²

A combustão do mundo

É provável que isso domine efetivamente as décadas por vir, e já se dissemina contra um pano de fundo de múltiplas ansiedades. Por um lado, os reflexos predatórios que marcaram as fases iniciais do desenvolvimento do capitalismo por toda parte estão se tornando mais agudos, à medida que a máquina se liberta de todo tipo de ancoragem e arbitragem e se apodera dos seres vivos

1. Um exemplo desse tecno-otimismo é Christopher J. Preston, *The Synthetic Age: Outdesigning Evolution, Resurrecting Species, and Reengineering our World*. Cambridge: MIT Press, 2018.

2. Mabel Gergan, Sara Smith e Pavithra Vasudevan, “Earth Beyond Repair: Race and Apocalypse in Collective Imagination”, *Environment and Planning D: Society and Space*, 7 de . 2018: <<https://doi.org/10.1177/0263775818756079>>.

como matéria-prima,³ por outro, do ponto de vista da produção de sinais que dialogam com o futuro, seguimos andando em círculos. No Norte, em particular, as antigas pulsões imperialistas agora se conjugam com a nostalgia e a melancolia.⁴ Isso porque, acometido de fadiga moral e tomado pelo tédio, o centro se vê hoje irremediavelmente consumido por um desejo exacerbado de fronteiras e pelo medo do colapso, daí os mal-disfarçados clamores não mais à conquista propriamente dita, mas à secessão.⁵

Se a propensão é para nos retrairmos e nos fecharmos, é em parte porque não acreditamos mais no futuro.⁶ Tendo o tempo explodido e tendo a duração sido evacuada, a única coisa que conta agora é a urgência.⁷ A Terra estaria contaminada de vez.⁸ Não se espera mais nada a não ser o próprio fim. Além disso, a vida no limiar dos extremos está se tornando a norma, nossa condição comum. A concentração de capital em poucas mãos nunca atingiu níveis tão altos como hoje.⁹ Em escala mundial, uma plutocracia devoradora nunca deixou de atuar aqui e alhures

3. Shoshana Zuboff, *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

4. Paul Gilroy, *Postcolonial Melancholia*. New York: Columbia University Press, 2006.

5. Luiza Bialasiewicz, “Off-shoring and out-sourcing the borders of Europe: Libya and EU border work in the Mediterranean”, *Geopolitics* 17 (4), 2012: 843-866. Ler também Laia Soto Bermant, “The Mediterranean Question: Europe and Its Predicament in the Southern Peripheries”, in Nicholas De Genova, *The Borders of Europe*. Durham: Duke University Press, 2017.

6. Para uma tentativa de reproblemática do futuro para além da ideologia do progresso, ver Arjun Appadurai, *Condition de l’homme global*. Paris: Payot, 2013. Ler, além disso, o dossiê “The Futures Industry”, *Paradoxa* 27, s.d. A respeito das relações entre o futuro e as fronteiras da vida, ver Juan Francisco Salazar, “Microbial Geographies at the Extremes of Life”, *Environmental Humanities* 9 (2), 2017: 398-417.

7. Amanda H. Lynch e Siri Veland, *Urgency in the Anthropocene*. Cambridge: MIT Press, 2018.

8. Francois Jarrige e Thomas Le Roux, *La Contamination du monde. Une histoire des pollutions à l’âge industriel*. Paris: Seuil, 2017.

9. Ver Ian G. R. Shaw e Marv Waterstone, *Wageless Life: A Manifesto for a Future beyond Capitalism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2019.

para capturar e sequestrar os bens da humanidade e, em breve, a totalidade dos recursos da vida.¹⁰

Ao mesmo tempo, camadas inteiras da sociedade enfrentam o risco cada vez maior de uma desclassificação vertiginosa.¹¹ Há não muito tempo, elas tinham a possibilidade de mudar de status e experimentar uma mobilidade ascendente. Agora, com a corrida la-deira abaixo, estão condenadas a lutar para reter e talvez assegurar o pouco que lhes resta. Em vez de atribuir a culpa por seus revezes ao sistema que os provoca, elas imputam, no entanto, a ameaça de pauperização que enfrentam a outros ainda mais infelizes que elas, já lesados em sua existência material, e exigem mais brutalidade contra aquelas e aqueles que foram despojados de quase tudo.¹²

O desejo de violência e de endogamia e o crescimento das ansiedades ocorrem num contexto de conscientização – muito mais acentuada do que antes – da nossa finitude espacial. De fato, a Terra está em constante contração. Como um sistema finito em si mesmo, atingiu seus limites. A distinção entre a vida e a não vida é ainda mais reveladora. Um corpo vivo só existe em relação com a biosfera, da qual ele é um componente integral. A biosfera não é apenas uma realidade física, orgânica, geológica, vegetal ou atmosférica. Como muitos cientistas estão redescobrimo, ela também é tecida pelo fio de realidades numerais, aquelas que estão na origem do sentido existencial.¹³ Alguns viveram

10. Ver Aeron Davis, “Top CEOs, Financialization and the Creation of the Super-Rich Economy”, *Cultural Politics* 15 (1), 2019. Ver também Iain Hay e Samantha Muller, “That Tiny Stratospheric Apex that Owns Most of the World”, *Geographical Research* 50 (1), 2012: 75-88. Ler Melindssa. Cooper, *Life as Surplus: Biotechnology and Capitalism in the Neoliberal Era*. Seattle: University of Washington Press, 2008.

11. Saskia Sassen, *Expulsões. Brutalidade e complexidade na economia global*. Trad. Angélica Freitas. São Paulo: Paz e Terra, 2016].

12. Ler James Tyner, *Dead Labor: Toward a Political Economy of Premature Death*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2019.

13. Ver Stefan Helmreich, *Sounding the Limits of Life: Essays in the Anthropology of Biology and Beyond*. Princeton: Princeton University Press, 2016; Istvan Praet e Juan Francisco

essa experiência dos limites antes de outros. Para muitas regiões do Sul, na verdade, *recriar a vida a partir do invivível* tem sido a condição reinante ao longo de séculos.¹⁴ A novidade é que agora compartilhamos essa provação com muitos outros, a quem nenhum muro, nenhuma fronteira, nenhuma bolha e nenhum enclave serão capazes de proteger no futuro.

A experiência da combustão do mundo e da oscilação para os extremos não é observada apenas no esgotamento vertiginoso dos recursos naturais, dos combustíveis fósseis ou dos metais que sustentam a infraestrutura material das nossas existências.¹⁵ Ela também se manifesta de uma forma tóxica na água que bebemos,¹⁶ no alimento que consumimos, na tecnosfera,¹⁷ até mesmo no ar que respiramos.¹⁸ Ela está em ação nas transformações sofridas pela biosfera, como atestam fenômenos como a acidificação dos oceanos, a elevação do nível das águas, a destruição de ecossistemas complexos, em suma, a mudança climática, o reflexo de fuga e a corrida migratória para aqueles cujos meios de vida foram saqueados. Na realidade, é o próprio sistema de suporte de vida da Terra que está sendo afetado e, com ele, talvez a capacidade dos humanos de produzir história com outras espécies.

Salazar, "Introduction: Familiarizing the Extraterrestrial/Making our Planet Aalin", *Environmental Humanities* 9 (2), 2018: 309-324.

14. Kathryn Yusoff, *A Billion Black Anthropocenes or None*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2019.

15. Para um estudo de caso, ler Pierre Bélanger (edg.), *Extraction Empire: Undermining the Systems, States, and Scales of Canada's Global Resource Empire*. Cambridge: MIT Press, 2018.

16. Bérengère Sim, "Poor and African American in Flint: The Water Crisis and Its Trapped Population", in François Gemenne, Caroline Zickgraf e Dina Ionesco (eds.), *The State of Environmental Migration* 2016. Liège: Presses universitaires de Liège, 2016.

17. Miriam L. Diamond, "Toxic Chemicals as Enablers and Poisoners of the Technosphere", *The Anthropocene Review* 4 (2), 2017: 72-80.

18. Ler Josh Berson, *The Meat Question: Animals, Humans, and the Deep History of Food*. Cambridge: MIT Press, 2019.

Nem mesmo nossa concepção de tempo está imune ao questionamento.¹⁹ Por mais que as velocidades estejam em constante disparada e as distâncias incessantemente sendo conquistadas, o tempo concreto, o da carne do mundo e da sua respiração e o do Sol que envelhece, não é mais extensível ao infinito.²⁰ No fundo, ele agora passa a ser contado para nós.²¹ Estamos em plena era da combustão do mundo. Portanto é à urgência que estamos confrontados. Mas, diante da realidade da urgência, da fragilidade e da vulnerabilidade, muitos dos povos da Terra sofreram essa provação antes de nós, em decorrência dos incontáveis desastres que marcaram sua história, a história dos extermínios e de outros genocídios, dos massacres e do esbulho, a litania das razias escravagistas, dos deslocamentos forçados, do confinamento em reservas,²² das paisagens carcerárias,²³ das devastações coloniais²⁴ e das carcaças humanas ao longo das fronteiras minadas.²⁵

A possibilidade de uma ruptura genérica paira, assim, sobre a própria membrana do mundo, sujeita como está a uma radioatividade corrosiva.²⁶ Ela é impulsionada, por um lado, pela escalada

19. Dipesh Chakrabarty, “Le climat de l’histoire: quatre thèses”, *La Revue internationale des livres et des idées* 15, 2010 [2009]: 22-31.

20. James Lovelock, *Novacene: The Coming Age of Hyperintelligence*. Cambridge: MIT Press, 2019.

21. Marcus Hall, “Chronophilia; or, Biding Time in a Solar System”, *Environmental Humanities* 11 (2), 2019: 373-401.

22. Gary Fields, *Enclosure: Palestinian Landscapes in a Historical Mirror*. Berkeley: University of California Press, 2017.

23. Brett Story, *Prison Land: Mapping Carceral Power Across Neoliberal America*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2019.

24. Ver “Reflections on the Plantationocene: A Conversation with Donna Haraway and Anna Tsing”, 18 de . 2019: <www.edgeeffects.net>.

25. Jason De León, *The Land of Open Graves: Living and Dying on the Migrant Trail*. Berkeley: University of California Press, 2015.

26. Mochamad Adhiraga Pratama, Minoru Yoneda, Yoko Shimada, Yasuto Matsui e Yosuke Yamashiki, “Future projection of radiocesium flux to the ocean from the largest river impacted by Fukushima Daiichi Nuclear Power Plant”, *Scientific Reports* 5, 2015. Ler, ademais, Sven Lütticken, “Shattered Matter, Transformed Forms: Notes on Nuclear Aesthetics”, *e-flux* 94, 2018 (primeira^a rte) e 96, 2019 (segunda^a rte).

tecnológica e pela intensificação daquilo que chamamos aqui de brutalismo e, por outro lado, pelas lógicas de combustão e pela produção lenta e indefinida dos mais variados tipos de nuvens de cinzas, de chuva ácida, em suma, de ruínas, em meio às quais são obrigados a viver aqueles cujos mundos ruíram.²⁷ Estritamente falando, a era da combustão do mundo é uma era pós-histórica.²⁸ A perspectiva de um evento desses reacendeu antigas disputas, a começar pela disputa em torno de uma nova divisão da Terra. Também ressuscitou antigos pesadelos, a começar pelo da divisão do gênero humano em diferentes espécies e variedades, cada uma delas marcada por especificidades supostamente irreconciliáveis.²⁹

Talvez isso explique o renascimento em escala global do desejo de endogamia e das práticas de seleção e triagem que haviam marcado a história da escravidão e da colonização, dois momentos de ruptura provocados pela tempestade de aço, tanto quanto alimentados pelo combustível que foi o racismo na modernidade.³⁰ Ao contrário dessas épocas, a nova pulsão de seleção agora se baseia nos mais variados tipos de nanotecnologia.³¹ Desta vez, já não se trata apenas de máquinas, mas de algo ainda mais gigantesco, algo sem limites aparentes, na confluência do cálculo, das células e dos neurônios, e que parece desafiar a própria experiência do pensamento.³² A tecnologia se fez biologia e neurologia. Tornou-se uma

27. Matthew S. Henry, “Extractive Fictions and Postextraction Futurisms: Energy and Environmental Injustice in Appalachia”, *Environmental Humanities* 11 (2), 2019: 402-426.

28. Clive Hamilton, Christophe Bonneuil e François Gemenne (eds.), *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis: Rethinking Modernity in a New Epoch*. Roudon: Routledge, 2015.

29. Daniel Martinez HoSang e Joseph E. Lowndes, *Producers, Parasites, Patriots: Race and the New Right-Wing Politics of Precarity*. Minneapolis: Minnesota University Press, 2019.

30. Achille Mbembe, *Crítica CriRazão Negra*, op. cit.].

31. Ruha Benjamin, *Race After Technology: Abolitionist Tools for the New Jim Code*. London: Polity: 2019.

32. Luciana Parisi, “Instrumentality, or the Time of Inhuman Thinking”, 15 de . 2017: <www.techosphere-magazine.hkw.de>.

realidade figurativa, e é o conjunto das relações fundamentais dos humanos com o mundo que tem saído abalado com isso.

Enquanto tudo se encaminha para uma unificação sem precedentes do planeta, o velho mundo dos corpos e das distâncias, da matéria e das vastidões, dos espaços e das fronteiras persiste, metamorfoseando-se. Mais ainda, a transformação do horizonte de cálculo continua a andar de mãos dadas com o espetacular retorno do animismo, do culto ao eu e aos objetos, enquanto a extensão quase indefinida das lógicas de quantificação acarreta uma inesperada aceleração do devir-artificial da humanidade. Esse devir-artificial da humanidade e seu correlato, o devir-humano dos objetos e das máquinas, constituem talvez a verdadeira substância daquilo que alguns chamam atualmente de a “grande substituição”.

Brutalismo é seu verdadeiro nome, a apoteose de uma forma de poder sem contornos nem limites e que renunciou tanto ao mito da saída quanto ao de um *outro mundo por vir*. Em termos concretos, o brutalismo se caracteriza pela estreita imbricação de várias figuras da razão: a razão econômica e instrumental; a razão eletrônica e digital; e a razão neurológica e biológica. Ele se baseia na profunda convicção de que não há mais distinção entre seres vivos e máquinas. A matéria em última instância é a máquina, isto é, nos dias de hoje, o computador em seu sentido mais amplo, tanto nervo, cérebro, quanto realidade numinosa. É nela que reside a centelha da vida. De agora em diante, os mundos da matéria, da máquina e da vida constituem uma coisa só. Como vetores privilegiados do neovitalismo que alimenta o neoliberalismo, o animismo e o brutalismo acompanham nossa transição para um novo sistema técnico mais reticular, mais automatizado, a um só tempo mais concreto e mais abstrato. Nessas condições, será possível fazer da Terra e dos seres vivos não apenas espaços de provocação intelectual, mas conceitos propriamente políticos e *eventos passíveis de pensamento*?

Encontramos a ideia de uma ruptura genérica, ao mesmo tempo telúrica, geológica e quase tecnofenomenal, na base do pensamento afrodiaspórico moderno. Ela se faz particularmente presente nas três correntes representadas pelo afropessimismo, pelo afrofuturismo e pelo afropolitanismo. Cada uma dessas correntes é movida pelo tema da semente que caiu em um terreno desolado e tenta capturar raios de luz para poder sobreviver em um ambiente hostil. Lançada em um mundo desconhecido e confrontada com extremos, realmente, como poderá essa semente germinar onde há tão pouco e onde tudo leva à dessecação? Quais sistemas radiculares precisam ser desenvolvidos e quais partes subterâneas precisam ser mantidas? Em cada uma dessas três correntes, e particularmente no afrofuturismo, a invenção de um novo mundo é, a cada vez, um ato vibratório. Esse ato deriva do que poderia ser chamado de imaginação radical.³³ A característica do ato vibratório é transpor e superar aquilo que é dado e suas limitações. É nesse sentido que o ato vibratório integra a atividade técnica, se por atividade técnica entendemos a capacidade de atualização, implementação e manifestação de uma reserva de potência.³⁴

Nessas três correntes, a África paradoxalmente representaria, além da chaga, essa reserva de potência, ou então essa *potência de reserva*, sendo a única capaz de repatriar o humano não à Terra, mas ao Cosmos. Força potencialmente constitutiva, na realidade, tanto em sua forma, em suas vibrações, quanto em sua matéria, capaz que é de propiciar um campo ilimitado de permutações e estruturas novas. No presente ensaio, partimos, pois, da hipótese de que *é no continente africano, berço da humanidade, que a questão da Terra se colocará a partir de agora da maneira mais inaudita, mais complexa e mais paradoxal.*

33. Erik Steinkogber *afrofuturism and Black Sound Studies: Culture, Technology, and Things to Come*. London: Palgrave Macmillan, 2019.

34. Hadi Rizk, *L'Activité technique et ses objets*. Paris: Vrin, 2018, p. 147.

É, de fato, onde as possibilidades de declínio são as mais gritantes. Mas é também onde as oportunidades de *metástase criativa* são as mais propícias, onde algumas das questões globais relacionadas à questão da reparação se manifestam com maior acuidade, a começar pela reparação dos seres vivos como um todo, pela persistência e durabilidade dos corpos humanos em movimento e em circulação, dos objetos que são nossos companheiros, mas também da *parcela de objeto* doravante indissociável daquilo que se tornou a humanidade. *Vibranium* da Terra (no sentido em que outros falam de um *sensorium*), é também onde todas as categorias que serviram para imaginar o que são a arte, a política, as necessidades, a ética, a técnica e a linguagem são questionadas da forma mais radical, ao mesmo tempo que não param de surgir formas paradoxais de vida.

Além disso, essa inflexão planetária da condição africana e a tendência à africanização da condição planetária serão talvez os dois principais acontecimentos filosóficos, culturais e artísticos do século XXI. De fato, é aqui que as grandes questões do século, aquelas que interpelam da maneira mais imediata a raça humana, serão colocadas com a maior urgência e a maior acuidade, quer se trate do repovoamento em curso do planeta, dos grandes movimentos populacionais e do imperativo da desfron-teirização, do futuro da vida e da razão ou da necessária descar-bonização da economia. Em virtude de suas gigantescas jazidas animistas, qualquer pensamento global se verá inevitavelmente compelido a confrontar o signo africano.

O *pharmakon* da terra

É por essa razão que por “signo africano” se deve entender daqui em diante aquilo que sempre excede o que é dado a ver. Aliás, é a manifestação desse excedente e desse mais além das aparências

que a criação afrodiaspórica contemporânea vem ensaiando. É isso que ela vem se esforçando para carregar com uma energia própria. No cenário mundial, a África é mais uma vez objeto de intensa atividade, ao mesmo tempo psíquica e onírica, tal como no início do século xx. De dentro e em suas diversas diásporas, há um interesse renovado no sonho de uma nação altiva, poderosa e única no seio da humanidade, ou de uma civilização (a palavra não é excessiva) capaz de enxertar em tradições autóctones milenares um núcleo tecnológico futurista.

A produção cinematográfica exhibe uma terra que abriga riquezas insondáveis, todo tipo de minerais, *matérias-primas* que, sem dúvida, fazem dela o *pharmakon da Terra*. Ficção científica, dança, música e literatura evocam rituais de ressurreição quase telúricos, quando, deposto no barro ou envolto pelo solo vermelho ocre, o corpo do rei inicia sua jornada para junto dos ancestrais, levado pela sombra de Osíris, e passa a dialogar com os mortos. A moda e a fotografia se apoderam de fantasias de uma beleza solar, em um turbilhão de cores e um furacão de formas.

Por toda parte surgem corpos com cores resplandecentes, do preto azul-escuro ao preto sol, preto fogo, preto marrom e amarelado, preto argila, preto cobre e prata, preto lunar, preto vulcânico e preto cratera, verdadeiros hinos à multiplicidade, à proliferação e à disseminação. O que dizer, aliás, da matéria em harmonia com o mundo dos sonhos e das máquinas, elas próprias esculpidas à imagem do mundo dos animais, das aves, da flora, da fauna e de um ambiente aquático ancestral? E, acima de tudo, como não evocar a mulher? Pois, quando se trata da duração e do renascimento do mundo, não é ela, afinal, tanto o enigma quanto o segredo?

Aqui, tudo sempre se conjugou no plural. A própria vida consiste em aprender a juntar elementos compostos, díspares e, no limite, incompatíveis, e depois estabelecer equivalências entre eles, transformá-los uns nos outros. Somam-se a esse politeísmo

social o movimento, as *circulações*. As vastidões aparentemente imóveis são, na realidade, trabalhadas tanto na superfície quanto subterraneamente pelo movimento expansivo.³⁵ Não há limite de tempo que não seja um corte em movimento. Existe, portanto, um devir-planetário da África que é o contraponto do devir-africano do planeta. A crítica terá que assumir essa planetariedade como sua tarefa precípua.

Quanto ao resto, qualquer projeto de reparação da Terra terá que levar em conta aquilo que, neste ensaio, chamamos de o *devir-artificial da humanidade*. O século XXI se inicia com um espetacular retorno do animismo.³⁶ Não se trata do animismo do século XIX, mas de um animismo novo, que se expressa não segundo o modelo do culto dos antepassados, mas do culto do eu e dos nossos múltiplos duplos que são os objetos. Estes são, mais do que nunca, o signo por excelência dos estados inconscientes da nossa vida psíquica.

É pela mediação deles que cada vez mais são vividas experiências de alta intensidade emocional, e é por meio deles que agora tende a se expressar aquilo que não é diretamente simbolizável. Não há mais, por um lado, a humanidade e, por outro, um sistema dos objetos, em relação ao qual os humanos se situariam como algo sobressalente. Agora somos atravessados de lado a lado pelos objetos, trabalhados por eles tanto quanto nós os trabalhamos. Há um devir-objeto da humanidade que é o contraponto do devir-humano dos objetos. Nós somos o minério que

35. Peter Mitchell, *African Connections: Archaeological Perspectives on Africa and the Wider World*. Walnut Creek: AltaMira, 2005; Sonja Magnavita, "Initial Encounters: Seeking Traces of Ancient Trade Connections between West Africa and the Wider World", *Afriques. Débats, méthodes et terrains d'histoire* 4, 2013. Ler também o dossiê deste revista (#6, 2015) dedicado às redes comerciais e às conexões entre a África Oriental e o Oceano Índico.

36. A respeito das transformações do conceito e das suas potencialidades heurísticas no presente, consultar Nurit Brd-Devid, "Animism Revisited", *Current Anthropology* 40, 1999: 67-91; Karl Sierek, "Image-Animism: On the History of the Theory of a Moving Term", *Images-Revues* fora de série #4, 2013.

nossos objetos são incumbidos de extrair. Eles agem conosco, eles nos fazem agir e, acima de tudo, eles nos animam.

São sobretudo as tecnologias digitais que tornam possível a redescoberta desse poder de animação e dessa função psicoprostética. Em consequência disso, o novo animismo se confunde com a razão eletrônica e algorítmica, que é tanto seu meio quanto seu envelope, e até mesmo seu motor. Em termos políticos, esse novo animismo é um emaranhado de paradoxos. Em seu cerne mais profundo se encontram as virtualidades da emancipação. Talvez seja um prenúncio do fim das dicotomias. Mas também poderia servir como um vetor privilegiado para o neovitalismo que alimenta o neoliberalismo. Portanto faz-se necessária a crítica do novo espírito animista. O objetivo dessa crítica seria, assim, contribuir para a *proteção da matéria viva contra as forças da dessecação*. Reside aí, na verdade, a força de significação do objeto africano no mundo contemporâneo.

Feita a partir dos artefatos pré-coloniais, essa crítica é também uma crítica da matéria e do princípio mecânico propriamente dito. A esse princípio mecânico o objeto africano contrapõe o da respiração, ínsito a toda forma de vida. Além disso, os objetos africanos sempre foram a manifestação do que se encontra além da matéria. Feitos de matéria, eles são na realidade um apelo estridente à sua superação e à sua transfiguração. Nos sistemas africanos de pensamento, o objeto é um discurso sobre o mais além do objeto. Ele atua, junto a outras forças animadas, no marco de uma economia regenerativa e simbiótica. Uma crítica intransigente à civilização em vias de imaterialização na qual estamos imersos teria muito a ganhar ao se inspirar nessa história e nessa epistemologia.³⁷ O que elas nos ensinam senão que a vida não se basta a si mesma? Ela não é inesgotável. O neovitalismo,

37. Luciana Parisi e Tiziana Terranova, "Heat-Death: Emergence and Control in Genetic Engineering and Artificial Life", *cttheory*, 10 de . 2000.

por outro lado, afirma que ela será capaz de sobreviver a todo tipo de situações extremas, até mesmo catastróficas. De acordo com essa lógica, podemos destruí-la o quanto quisermos.³⁸

O neovitalismo tampouco sabe viver com a perda. À medida que a humanidade prossegue em sua corrida desenfreada rumo aos extremos, o esbulho e a privação serão a sina de todos. Cada vez mais é provável que o que nos é tirado não tenha preço e nunca nos possa ser restituído. A ausência de qualquer possibilidade de restituição ou restauração talvez sinalize o fim do museu, entendido não como a extensão de um gabinete de curiosidades, mas como a figura por excelência do passado da humanidade, um passado do qual seria como o monte de testemunho. Restaria apenas o antimuseu, não o museu sem objetos ou a morada fugidia dos objetos sem museu, mas uma espécie de celeiro do futuro, cuja função seria abrigar o que deve nascer, mas que ainda não chegou.

Antecipar uma presença potencial, mas ainda não constatada, e que ainda não assumiu uma forma estável talvez devesse ser o ponto de partida para qualquer crítica futura cujo horizonte seja forjar um terreno comum. Seria partir não da ausência, não do que está vago, mas da *presença antecipatória*. Pois sem esse terreno comum e, portanto, sem desfronzeirização, a Terra não será reparada e a matéria viva não será repostada em circulação.

38. Ver Ian Klinke, “Vitalist Temptations: Life, Earth and the Nature of War”, *Political Geography* 72, 2019: 1-9.